

EMMA DONOGHUE

A DANÇA
DAS ESTRELAS

Tradução de Cláudia Ramos

Índice

I. Vermelho	7
II. Castanho	99
III. Azul	169
IV. Preto	239
<i>Nota da Autora</i>	299

Nota do Editor:

De forma a facilitar a compreensão e leitura da obra, e com a devida aprovação da autora, alteramos o registo original dos diálogos de acordo com a pontuação habitualmente utilizada em Português.

I

VERMELHO

Quando saio de casa, esta manhã, tenho ainda muitas horas de escuridão pela frente. Pedalo pelas ruas de Dublin lustrosas da chuva; a minha capa verde demasiado curta protege-me do pior, mas as mangas do casaco ficam rapidamente encharcadas. Sinto um bafo a sangue e estrume ao passar por uma estrada onde uma manada de vacas aguarda para atravessar. Um rapaz com um casaco de homem grita-me obscenidades. Pedalo mais depressa, ultrapassando um automóvel que se desloca lenta e pesadamente, quicá num esforço para fazer render as últimas gotas de combustível.

Deixo a bicicleta no beco habitual e prendo o cadeado, com código de combinação, na roda de trás. (Fabrico alemão, claro. Como é que vou conseguir substituí-lo quando o mecanismo começar a enferrujar?) Baixo a saia da farda, soltando-lhe as fitas laterais, e retiro o saco ensopado do cesto. Preferia sem dúvida ir diretamente de bicicleta até ao hospital, o que me levaria metade do tempo do que ir de elétrico, mas a enfermeira-chefe não admitiria que as suas meninas lhe surgissem à frente todas transpiradas.

Mal entro na rua, quase choco com um carrinho de desinfecção. Um odor doce a alcatrão invade-me as narinas. Desvio-me dos homens de máscara que pulverizam as sarjetas e passam as mangueiras por entre as grades, vala atrás de vala.

Passo por um memorial de guerra improvisado – um tríptico de madeira decorado com uma *Union Jack* drapeada. Complementam o cenário uma Virgem Maria azul-celeste, toda lascada, e uma pequena prateleira, por baixo, repleta de flores apodrecidas. Os nomes

pintados no memorial representam apenas uma escassa dúzia de irlandeses de entre as dezenas de milhares que morreram em combate até então e das centenas de milhares que se alistaram. Penso de imediato no meu irmão, que deixei em casa a mordiscar a sua torrada.

Na paragem do elétrico, os feixes já pálidos das luzes dos candeeiros de rua anunciam a chegada da madrugada. Curiosos anúncios colados nos postes de iluminação indagam: ESGOTADO E DEBILITADO PELO CORRE-CORRE DA VIDA DIÁRIA? SENTE-SE VELHO ANTES DO TEMPO?

Amanhã, faço trinta anos.

Recuso-me, no entanto, a deixar-me abater pela ideia. Os trinta são sinónimo de maturidade, de um certo vigor e robustez, certo? Além de que agora já permitem o direito de voto a mulheres com mais de trinta anos, desde que devidamente qualificadas. Ainda que me pareça absolutamente irreal a perspetiva de poder votar, uma vez que a Grã-Bretanha já não tem eleições gerais há oito anos e não as terá certamente enquanto durar a guerra. E só Deus sabe o estado em que o mundo se encontrará nessa altura.

Os primeiros dois elétricos vêm completamente apinhados; mais estradas cortadas esta semana, sem dúvida. Chegado o terceiro, não perco tempo a subir os degraus, tão escorregadios do ácido carbólico que se tornam difíceis até para as minhas solas de borracha. Assim que sinto o arrancar da máquina oscilante e pouco firme, cravo as mãos no corrimão de apoio e lá consigo subir. Os passageiros no varandim parecem-me ensopados, por isso, enfio-me para debaixo do tejadilho, onde se lê num autocolante enorme: CUBRA O ROSTO SEMPRE QUE ESPIRRAR OU TOSSIR... TRAIÇOEIROS E IMBECIS ESPALHAM A DOENÇA.

Graças ao percurso feito de bicicleta, arrefeci muito e comecei a tremer. Dois homens instalados num dos bancos costas-com-costas afastam-se ligeiramente para que eu consiga sentar-me. Pouso o saco no colo. Os insistentes chuviscos laterais não poupam ninguém.

O elétrico acelera com um zunido crescente, passando por uma fila de táxis que aguardam a sua vez e cujos cavalos nem sequer pestanejam por detrás das palas. Banhado pelo feixe de um candeeiro

de rua, um casal de braço dado apressa-se a atravessar, as máscaras toscas e pontiagudas parecendo os bicos de aves raras.

O cobrador surge agora pelo meio do deque superior, apinhado de gente, apontando a sua lanterna – uma coisa estranha, achatada, semelhante a um cantil de whisky – sobre um mar de joelhos e sapatos. Tiro o *penny* que trazia na luva e deposito-o na lata chocalhante, perguntando-me se aquele trapo imundo e embebido em carbólico será de facto eficaz como desinfetante.

Ele rosna-me um aviso:

– Isto só a leva até à Pillar¹.

– Quer dizer que as tarifas aumentaram?

– Nah, isso provocaria tumultos e ninguém quer arriscar. Mas agora já não vos levam tão longe quanto antes.

Em tempos idos, teria sorrido perante o absurdo.

– Então, para ir até ao hospital...

– É mais meio *penny* – informa-me o cobrador.

Vasculho o saco e estendo-lhe a moeda.

Passamos pela estação de comboios onde dezenas de crianças, arrastando malas, foram enviadas pelo país fora, na esperança de ficarem a salvo. Mas, pelo que já me fora dado a entender, a praga é geral, estendendo-se por toda a Irlanda. O espectro tem já dezenas de nomes: grande gripe, gripe caqui, gripe azul, gripe negra, a gripe ou a garra. (Este último termo remete-me logo para uma mão gigantesca aterrando sobre o meu ombro e cravando-lhe as unhas). *A doença*, chamam-lhe outros eufemisticamente. Ou *a doença da guerra*, assumindo que seja alguma espécie de efeito secundário dos quatro anos de matança, um veneno produzido nas trincheiras e disseminado por toda esta agitação a que se assiste em todo o globo.

Considero-me uma afortunada: sou uma das escassas pessoas que escaparam praticamente incólumes. No início de setembro, caíra à cama, tolhida por dores no corpo todo, demasiado consciente desta gripe brutal para a desconsiderar. Mas a verdade é que

¹ Nelson's Pillar é uma grande coluna de granito encimada pela estátua de Horatio Nelson, oficial britânico conhecido pela sua participação nas Guerras Napoleónicas, construída no centro do que era então a Sackville Street, a rua principal de Dublin. (*N. da T.*)

dei por mim de pé e totalmente restabelecida num par de dias. As cores pareceram-me ainda algo esbatidas durante duas semanas, como se visse o mundo através de lentes fumadas. Tirando isso, senti-me apenas um tanto desanimada, nada que me preocupasse excessivamente.

Um moço de recados – de calções e pernas escanzeladas – passa ao nosso lado, carregando um bidão de água, com um arco-íris refletido no líquido gorduroso. O elétrico move-se agora numa lentidão exasperante pelo meio do tráfego – para poupar energia, suponho, ou de acordo com algum novo regulamento. Já estaria há muito no hospital se a enfermeira-chefe nos permitisse ir de bicicleta.

Não que ela viesse a saber, caso eu quebrasse essa regra. Está já há três dias internada na enfermaria feminina de Infeciosas, afundada em almofadas e com uma tosse aflitiva que nem a deixa falar. Mas seria desleal da minha parte fazê-lo nas suas costas.

Já mais próximo da Nelsons' Pillar, o elétrico trava a fundo, com um guinchar sinistro, e paramos. Olho para trás, para a carapaça carbonizada do posto de correios, um dos cerca de uma dúzia de locais onde os rebeldes se refugiaram ao longo dos seis dias da insurreição². Um exercício tão inútil quanto perverso. Afinal, o Parlamento estava a um passo de garantir o governo autónomo à Irlanda antes de a guerra ter rebentado e adiado a questão, não é verdade? Não teria nada contra ser governada a partir de Dublin ao invés de Londres, desde que isso fosse possível por meios pacíficos. Mas os tiroteios que tiveram lugar nestas ruas em 1916 não anteciparam num dia que fosse a independência, a verdade é essa, e só serviram para nos dar a todos razões para odiarmos os poucos que derramaram sangue em nosso nome.

Mais à frente, onde lojas, como a livraria onde eu costumava comprar revistas de banda desenhada, se viram bombardeadas pelos britânicos durante essa brevíssima revolta, não se notam nenhuns sinais de reconstrução. Algumas ruas laterais permanecem barricadas com

² Referência à Revolta da Páscoa, uma rebelião que ocorreu na Irlanda em 1916, apenas durante seis dias da Semana Santa, numa tentativa, por parte de militantes republicanos irlandeses, de ganharem a independência em relação ao Reino Unido. (N. da T.)

árvores caídas e arame farpado. Calculo que o cimento, o alcatrão, o asfalto e a madeira sejam bens inacessíveis enquanto a guerra durar.

Delia Garrett, penso. Ita Noonan.

Para.

Eileen Devine, a vendedora de fruta ambulante. A gripe des-cambou em pneumonia – ainda ontem passara todo o dia a tossir vermelho-esverdeado, com a temperatura a subir e a descer de forma inquietante.

Para com isso, Julia.

Esforço-me por não pensar demasiado nas minhas pacientes, entre turnos, visto que nada poderei fazer por elas, enquanto não voltar à enfermaria.

Numa cerca, o cartaz pormenorizado de um concerto de variedades, com a palavra CANCELADO colada em cima, na diagonal; noutro anúncio, o All Ireland Hurling assume que os jogos das finais estão ADIADOS POR TEMPO INDETERMINADO. Tantas lojas agora encerradas devido à morte dos seus empregados, vítimas “da gripe”, tantas firmas com as persianas para baixo ou com anúncios de óbito colados nas portas. Muitas das que ainda se mantêm abertas parecem-me, ainda assim, desertas, a um passo de fecharem por falta de clientes. Dublin é uma boca gigantesca, escancarada e já com muitos dentes em falta.

Sinto um cheiro a eucalipto. O homem sentado no banco à minha esquerda pressiona um lenço húmido sobre a boca e o nariz. Muitos usam essa essência nos casacos ou cachecóis. Eu costumava gostar desse odor a madeira, antes de o associar ao medo. Não que tenha alguma razão para recear o espirro de um estranho, agora que estou imune a esta horrível estirpe da gripe; provoca-me um estranho alívio saber que já tive a minha dose.

No banco atrás do meu, a tosse cavernosa de um homem. E depois outra. Vejo as reações à sua volta, muitos corpos afastando-se instintivamente. Aquele som ambíguo podia representar o início da gripe ou o sintoma persistente de um convalescente; podia significar uma banal constipação ou um tique nervoso, como quando se boceja só de se pensar nisso. Mas, de momento, a cidade inteira tem tendência para assumir o pior, e não é de admirar.

Três carretas funerárias alinhadas à porta de um cangalheiro, os cavalos já emparelhados para os primeiros enterros da manhã.

Dois homens protegidos com aventais carregam uma pilha de pranchas de madeira clarinha para as traseiras – para fazerem mais caixões, depreendo.

A luz dos candeeiros de rua torna-se cada vez mais ténue, anunciando a alvorada. O elétrico passa por um carro funerário motorizado, inclinado de tão sobrecarregado; vejo dois homens que pontapeiam o eixo traseiro. Uma dúzia de passageiros enlutados mantêm-se fortemente pressionados uns contra os outros, como se a sua obstinação os fizesse chegar a horas à missa fúnebre. A condutora, essa, encosta a testa ao volante, visivelmente exasperada.

O homem esborrachado contra o meu cotovelo direito aponta uma pequena lanterna ao seu jornal. Há muito que eu não tenho jornais em casa, para não preocupar o Tim. Por vezes, trazia um bom livro, mas na semana passada a biblioteca recolhera-os a todos para quarentena.

A data no topo lembra-me que é Dia de Halloween. Reparo também que a primeira página oferece chá de limão, seguros de vida e *Cinna-Mint, Pastilhas Germicidas para a Garganta*. E vejo imensos ex-votos espalhados pelo meio dos pequenos anúncios: *Sentidos agradecimentos ao Sagrado Coração de Jesus e a Todos os Santos pela recuperação da nossa família*. O homem vira a página, mas o jornal surge vazio, num enorme retângulo branco-sujo. Ouço-o soltar um grunhido de irritação.

O homem ao lado dele não resiste a comentar:

– Falta de energia... Viram-se obrigados a deixar a impressão a meio.

Uma mulher atrás de nós diz qualquer coisa do tipo:

– Pois claro, os pobres coitados já fazem os impossíveis para que tudo se mantenha em pleno funcionamento... e com metade do pessoal.

O homem do jornal limita-se a virar outra página. Esforço-me por ignorar as parangonas sob a luz tremeluzente da sua lanterninha: *Motim Naval Contra o Kaiser. Negociações Diplomáticas ao Mais Alto Nível*. As pessoas acreditam que as potências centrais não

se aguentarão muito mais tempo contra os Aliados. Mas, por outro lado, há anos que já se anda a dizer isto.

Lembro a mim própria que metade destas notícias é uma invenção. Ou são informações facciosas, manipuladas para levantarem a moral ou, no mínimo, censuradas para não irem mais além. Por exemplo, os nossos jornais deixaram de incluir a Lista de Honra, onde constavam os nomes dos soldados mortos nos vários teatros de guerra. Irlandeses que se haviam alistado em nome do rei e do império, ou pela justa causa de defenderem pequenas nações, ou pela pura necessidade de um trabalho, ou pelo sabor da aventura, ou – como o meu irmão – porque um amigo também se havia alistado. Ao longo dos quase três anos que ele esteve destacado, eu perscrutava diariamente a lista em busca de uma referência a Tim (Península de Galípoli, Tessalónica, Palestina – lugares que ainda hoje me fazem estremecer.) Todas as semanas, as colunas alargavam um pouco mais, com as diversas categorias destacadas num negro macabro: *Desaparecido*; *Prisioneiro em Mãos Inimigas*; *Ferido – Neurose de Guerra*; *Morto dos Ferimentos*; *Morto em Combate*. Fotografias, por vezes. Pormenores identificativos, apelos a informações. Mas, no último ano, como as baixas aumentaram significativamente e o papel se tornou um bem escasso, ficou decidido que a lista passaria a ser pública apenas para os poucos que podiam dar-se ao luxo de gastar três *pence* por semana em jornais.

Vejo apenas um único destaque sobre a gripe, em baixo, à direita: *Aumento dos Casos Relatados de Influenza*. Um eufemismo portentoso, como se tivessem aumentado apenas os casos *relatados* ou como se a pandemia fosse um mero produto da imaginação coletiva. Dou por mim a pensar se terá partido do editor do jornal a decisão de minimizar os perigos e receios ou se terá recebido ordens superiores.

Finalmente, a silhueta grandiosa e antiquada do hospital ergue-se sob o céu pálido. Sinto um aperto no estômago, de nervos ou excitação – hoje em dia é difícil distinguir as sensações. Dirijo-me aos degraus e deixo que a gravidade me ajude a descer.

Já no piso de baixo, vejo um homem escarrar ruidosamente para o chão. As pessoas reagem com caretas de horror, afastando sapatos e bairns.